Caderno Virtual de Turismo
ISSN: 1677-6976
Vol. 7, Nº 2 (2007)

Turismo, Meio Ambiente e Trabalho em Florianópolis - SC

*Helton Ricardo Ouriques (helton@cse.ufsc.br)**

Resumo

O objetivo central deste artigo é discutir, em uma perspectiva crítica, a expansão do turismo em Florianópolis - SC, cidade que vem tendo um significativo crescimento deste setor nas duas últimas décadas. Para isso, será feita uma análise sobre dois aspectos ligados ao desenvolvimento do turismo: o mercado de trabalho e o meio ambiente. Esses dois temas foram examinados através do levantamento das características das ocupações ligadas a essa atividade econômica e da descrição sucinta de alguns problemas ambientais existentes. A conclusão aponta para a necessidade de uma reflexão mais cuidadosa sobre o turismo, que evidencie, além de suas possibilidades, os seus limites.

Palavras-chave: Turismo; Meio Ambient; Trabalho;

Abstract

The main purpose of this article is to discuss, in a critical perspective, the expansion of tourism in Florianópolis - SC - a city which has significantly increased in this sector in the last two decades. So that this aim is achieved, an analysis of the labor market and the environment - two connected aspects related to the development of tourism- is carried out. These two aspects were examined through a survey of the characteristics of jobs in tourism as an economic activity and through a concise description of some environmental problems. The conclusion points to the need of a careful reflection on the issue of tourism, one that can make its possibilities and limitations clear.

Key-words: Tourism; Environment; Work;

ISSN: 1677-6976
Vol. 7, Nº 2 (2007)

Introdução

A partir dos anos 1980, ocorreu em Florianópolis uma notável expansão da atividade turística, que promoveu significativas alterações na paisagem da orla marítima local. Desde então, o turismo vem sendo encarado socialmente como a tábua de salvação da economia local em dois sentidos fundamentais: em primeiro lugar, no sentido da geração de postos de trabalho; em segundo lugar, como atividade ecologicamente prudente, capaz de proporcionar o tão apregoado desenvolvimento sustentável. Neste artigo, pretende-se discutir criticamente a evolução do turismo em Florianópolis, destacando a exacerbação dos problemas ambientais, direta e indiretamente causados pelo desenvolvimento do turismo. Dentro desta perspectiva, outro objetivo do texto também é enfatizar o caráter autofágico do turismo em Florianópolis, que historicamente se expandiu através da deterioração dos elementos de sustentação natural.

A expansão do turismo em Florianópolis

A atividade turística expande-se significativamente em Florianópolis a partir da década de 1980, determinando profundas alterações espaciais na estrutura econômica do município. Isso porque os capitais, locais e externos, foram se direcionando para a orla marítima, inicial e preponderantemente para a parte Norte da Ilha de Santa Catarina, locais de até então relativa estagnação econômica, onde predominavam comunidades pesqueiras e artesanais.

Certamente o Estado teve destacado papel no desenrolar desse processo. Afinal, com a implantação de melhorias infra-estruturais a partir dos anos 1970, como a pavimentação asfáltica dos acessos às praias do Norte da Ilha, foram dados os primeiros e decisivos passos para as mudanças que se desenrolariam com mais velocidade na década subseqüente, como salientado por Lago (1978): "*melhorias no sistema de abastecimento d'água, de energia elétrica e outras de natureza urbanística foram e têm sido introduzidas em diversos ambientes onde a presença de grande massa de turistas começa a caracterizar, sobretudo, o período de veraneio*" (p. 193).

É a partir desta base que vai despontar um elemento decisivo para as novas configurações paisagísticas da orla marítima de Florianópolis: a mercantilização da terra. A predominância do valor de troca sobre o valor de uso implicou um acentuado boom imobiliário. A verticalização, praticamente inexistente nas praias do município, expandiu-se a olhos vistos durante a década de oitenta. No Balneário de Ingleses (situado ao Norte da Ilha), por exemplo, o crescimento da verticalização teve uma média anual - entre 1980 e 1990 - 7,5 vezes superior ao crescimento da horizontalização (Ouriques, 1998:63).

Semelhante situação ocorreu também em outros locais do município. Em Canasvieiras, onde inicialmente as construções tinham, em sua maior parte, o caráter de residências de veraneio das famílias do centro urbano florianopolitano, que era comum nos balneários da Ilha, desenvolveram-se as práticas dos aluguéis e das vendas de terrenos e residências, juntamente com os negócios da hotelaria. Neste local, "*a constituição de loteamentos e edificações particulares foi intensificada e transforma rapidamente a vila de pescadores em centro de turismo de veraneio*" (Santos, 1993:117).

Até mesmo a Barra da Lagoa (situada a Leste da Ilha), um dos espaços característicos do modo de viver açoriano - baseado na pesca, na pequena produção agrícola e no artesanato - não ficou imune a esse processo. Embora não

*Professor do Departamento de Ciências Econômicas da UFSC.

caracteristicamente vertical, o espaço construído cresce sobremaneira na década de oitenta, elevando o preço da terra e dos imóveis no local.

Sinteticamente, a incidência da elevação do preço da terra ocorre quase que simultaneamente à decadência das atividades econômicas tradicionais, implicando, via de regra, a transferência da posse da terra e a expulsão das áreas de marinha de muitas famílias de agricultores e pescadores, em benefício das classes mais abastadas de Florianópolis e de outros lugares.

Trabalho e turismo em Florianópolis: precariedade e sazonalidade

Os apelos em defesa do turismo geralmente gravitam na tese de ser esta a principal fonte de empregos e rendas para a cidade, em virtude da baixíssima participação histórica do setor industrial na região. Assim, em uma cidade eminentemente administrativa e comercial como Florianópolis, investir no turismo seria a única alternativa para os habitantes conseguirem obter postos de trabalho. Tal tese associa-se a uma suposta "vocação natural" para as atividades de lazer, determinada pela privilegiada base natural da Ilha de Santa Catarina. Por isso, todos os esforços são direcionados para a promoção de um clima favorável aos negócios turísticos.

Contudo, esse argumento deve ser visto com cuidado, diante das mudanças em curso na economia mundial que vêm refletindo negativamente sobre a sorte de contingentes cada vez maiores de trabalhadores nos últimos anos. Vários autores[1] destacam o processo global de precarização e flexibilização nas relações de trabalho durante as duas últimas décadas,

Tabela 1. Pessoal ocupado por atividade econômica (formal) selecionada em Florianópolis (SC) - 2002 a 2004

ATIVIDADE	2002	2003	2004	(%) 2002	(%) 2003	(%) 2004
Construção de edifícios e obras	2.817	2.849	2.992	1,57	1,56	1,52
Comércio varejista não especializado	5.394	5.489	5.773	3,01	3,01	2,94
Comércio varejista de outros produtos	6.930	8.111	8.754	3,87	4,44	4,45
Estab. hoteleiros e similares	2.134	2.214	2.489	1,19	1,21	1,27
Restaurantes e similares	6.418	7.250	7.840	3,58	3,97	3,99
Intermediação monetária	3.607	3.128	3.297	2,01	1,71	1,68
Condomínios prediais	4.415	4.772	4.910	2,46	2,61	2,5
Investigação, vigilância e segurança	3.072	3.311	3.374	1,71	1,81	1,72
Imunização, higienização e limpeza	3.611	3.802	3.693	2,02	2,08	1,88
Administração do Estado	59.640	51.845	56.875	33,29	28,39	28,93
Serviços coletivos prestados pela Adm. Pública	20.685	26.141	26.988	11,55	14,31	13,73
Atividades de atenção à saúde	3.953	3.919	4.054	2,21	2,15	2,06
Limpeza urbana e esgoto	1.419	1.394	1.331	0,79	0,76	0,68
TOTAL DE FLORIANÓPOLIS	**179.146**	**182.630**	**196.583**			

FONTE: RAIS - Relação Anual de Informações Sociais do Ministério do Trabalho e Emprego.
Nota: foram selecionadas as atividades econômicas que ocuparam, no ano de 2002, mais de 1.000 trabalhadores.

[1]Castells (2006), Pochmann (2001), Alves (2000).

ao mesmo tempo em que apontam para um crescimento do desemprego global.

Particularmente com relação à economia de Florianópolis, as atividades diretamente ligadas ao turismo não são significativas do ponto de vista do emprego formal, pois ocupam um percentual pequeno de trabalhadores no município, como pode ser percebido na Tabela 1, acima. Os trabalhadores ocupados nos estabelecimentos hoteleiros e similares significavam apenas 1,27% da força de trabalho formal no ano de 2004. Já os trabalhadores ocupados nos restaurantes e estabelecimentos similares correspondiam, no mesmo ano, a 3,99% do emprego formal local. Contudo, é preciso deixar registrado que os trabalhadores desse último setor não servem apenas aos turistas, pois atendem igualmente a população residente localmente e nos municípios próximos a Florianópolis.

Na verdade, a expansão dos postos de trabalho no turismo tem que ser explicada pela informalidade, determinante da maior parte das ocupações nesta atividade. Aliás, a literatura internacional inclusive afirma ser esta uma das características estruturais da atividade turística[2]. Tal situação é expressiva nos balneários florianopolitanos, nos quais as pessoas ocupadas geralmente o são sem qualquer registro formal. Não se pode deixar de mencionar que a informalidade (que às vezes é preferível à formalidade pelo próprio trabalhador), possui ainda um forte caráter de interesse patronal.

Além disso, uma análise acerca das remunerações obtidas pelos trabalhadores no setor evidencia uma realidade nada agradável: o setor turístico paga salários muito baixos, em relação a outros setores e à economia como um todo, o que também é mencionado corriqueiramente pela literatura internacional. A Tabela 2 mostra essa realidade para o caso aqui analisado:

Tabela 2. Salários médios em setores de atividade econômica selecionados em Florianópolis (SC) - (R$ de dez./2005)

ATIVIDADE	2002	2003	2004
Construção de edifícios e obras	1.007,92	947,18	940,12
Comércio varejista não especializado	659,27	702,19	710,28
Comércio varejista de outros produtos	771,91	845,86	804,82
Estab. hoteleiros e similares	584,59	537,08	596,93
Restaurantes e similares	474,71	452,56	490,54
Intermediação monetária	2.207,78	3.418,44	3.281,92
Condomínios prediais	661,85	702,44	704,17
Investigação, vigilância e segurança	697,96	743,71	754,33
Imunização, higienização e limpeza	365,48	380,71	398,74
Administração do Estado	2.056,92	1.853,13	2.075,34
Serviços coletivos prestados pela Adm. Pública	3.330,57	3.220,86	3.289,2
Atividades de atenção à saúde	983,53	930,75	962,76
Limpeza urbana e esgoto	1.295,83	1.259,19	1.325,97
TOTAL DE FLORIANÓPOLIS	**1.671,27**	**1.643,96**	**1.699,53**

Fonte: RAIS/MTE. Nota: valores deflacionados pelo IPC.

[2]Para detalhes, ver Introdução ao turismo (2001), publicação da Organização Mundial do Turismo.

Ficam evidenciados os baixos salários pagos pelo setor, pois para o último ano da série (2004), o salário médio dos ocupados nos estabelecimentos hoteleiros e similares correspondeu a R$ 596,93, o que significou pouco mais de um terço (35,12%) da média da economia florianopolitana (R$ 1.699,53). Em situação pior estavam os trabalhadores dos restaurantes e similares, que receberam, em média, R$ 490,54. Os dois setores só remuneraram melhor do que o setor de imunização, higienização e limpeza, o que demonstra a realidade salarial no setor diretamente turístico, cujos trabalhadores tendem a permanecer na base da pirâmide salarial.

Aliado a esse aspecto da remuneração, há outro fator característico dos postos de trabalho em hotéis, bares e restaurantes: a sazonalidade. Os empregadores contratam por experiência (por 60 dias com a renovação de mais 30 dias) durante os meses de dezembro, janeiro e fevereiro, que definem a "safra turística", quando o movimento de visitantes alcança seus maiores patamares. Ao final da temporada, as demissões são corriqueiras. Por isso, "*quando alguém encontra uma ocupação, não pode estar seguro de conservá-la estavelmente, na medida em que o turismo é um ramo da economia que vive de negócios que se desenvolvem em determinados períodos anuais*" (Saal, 1987:9).

Além disso, quando se afirma que o turismo gera empregos, que é o "grande" setor do município, não são enfocados, pelos apologéticos ideológicos, os tipos de ocupações de que se tratam. Isto é, não se discutem as realidades das relações de trabalho. O que se pode observar é que os empregos não têm nada de atraente, que as condições de trabalho são rigorosas, com longas jornadas de trabalho. Alguns depoimentos coletados em uma pesquisa anterior (Ouriques, 1998:101-6) ilustram essas afirmações:

No hotel a gente nem tem hora de almoço fixa, começa bem dizer de madrugada e só sai quando anoitece. Quando termino de arrumar as camas, tenho que fazer faxina, ajudar na cozinha, não é fácil.

Olha moço, geralmente a gente trabalha umas 10 horas por dia, a semana toda, quando não chove. Por que se chover, não dá para andar pela praia não. A gente chega aqui na praia bem cedo e só vai embora à noite.

Eu estou chateada, sabia? É que trabalho por comissão. Com esta chuva não estou vendendo nada. Nem argentino tem este ano. Para você ter uma idéia, há dois dias não vendo uma peça de roupa sequer.

Olha meu filho, sou aposentado como pescador há um ano. É um inferno trabalhar na força desse sol [em Canasvieiras]. A gente se mata aos poucos. Mas sou obrigado, né? Afinal você sabe a fortuna que ganho como aposentado? R$ 70,00! É uma vergonha.

Eu gostaria mesmo é de ter um emprego de verdade, com carteira-assinada, férias, salário fixo, essas coisas. Vender relógios tem sido muito difícil... É duro não ter a certeza de que você terá dinheiro amanhã para levar para a família.

Meu pai é pescador aposentado. Como ele ganha pouco e sou a única filha ainda em casa, ajudo trabalhando neste hotel. Ganho pouco e trabalho muito, mas fazer o quê, se a gente é pobre? (Entrevistas realizadas na alta temporada de 1994/95)

Tais declarações apontam para características negativas nos empregos ligados direta e indiretamente ao turismo, tais como: intensas e extensas jornadas de trabalho, ganhos incertos e parcos e descontentamento quanto ao trabalho realizado. Contudo, foi possível apreender um traço comum nas falas da maioria dessas

pessoas: "*...apesar das queixas de todos eles quanto ao trabalho que desempenham, este parece ser suportável, diante da dura realidade do desemprego*" (Ouriques, 1998:111).

Vários estudos apontam para o caráter precário das ocupações ligadas ao turismo. Krippendorf (1989), por exemplo, aponta as características desses empregos nos Alpes suíços: "*as condições de trabalho são rigorosas: horas extras, horários irregulares, sobrecarga de acordo com a estação do ano e comprometimento pessoal em favor do cliente. Ademais, os salários são inferiores à média*" (p. 94). Ora, os depoimentos de trabalhadores, transcritos acima, não evidenciam que a lógica da expansão turística em Florianópolis (re)produz situações similares?

Essa situação geral apenas reflete, em Florianópolis, uma faceta do movimento global do que se chama "mundo do trabalho". É por conta do crescente desemprego formal que proliferam, em várias partes do mundo, as atividades da "economia subterrânea". E na Ilha de Santa Catarina, terra de sol e mar, isso não poderia ser diferente.

Meio ambiente e turismo em Florianópolis

O outro grande argumento em defesa do turismo no município de Florianópolis está ligado ao fato desta atividade ser não-poluidora, capaz de promover um desenvolvimento sustentável, com respeito ao meio-ambiente. Essa é a opinião do senso comum, disseminado pelos grupos dominantes - conforme relatado por Zanela (1999) - que enfoca o caráter ecológico deste setor, a ponto de o mesmo ter sido batizado de "indústria sem chaminés". Aqui, dois reparos são necessários. Em primeiro lugar, o turismo não é uma indústria, é um setor dos serviços da economia[3], embora se alimente imperiosamente dos setores industriais, como construção civil, mobiliário, vestuário, etc. Segundo, a literatura não apologética, isto é, a que não tem compromissos ideológicos com os grupos sociais dominantes, aponta justamente o contrário, como apresentamos sucintamente a seguir.

O turismo possui uma característica marcante de degradação ambiental, particularmente no município em questão. Há mais de uma década, dissertações de mestrado defendidas entre 1992 e 1993 na Universidade Federal de Santa Catarina destacaram este aspecto[4]. No Balneário dos Ingleses, por exemplo, a partir do estudo de projetos residenciais, Moretto Neto (1993), constatou "*...a não observância de critérios de sustentabilidade espacial, ou seja, a remoção de dunas, aterro de mangues e rios, cortes em encostas de morros, além de outras agressões ao ambiente*" (p. 150).

Ferreira (1992) também apresentava conclusões similares, no tocante ao Norte da Ilha: "*o desmatamento, a construção de rodovias, o aterro de áreas alagadas, a construção de canais e a poluição do esgoto sanitário produzido pelo balneário e lançado sem tratamento nos rios e praias da região, evidenciam um processo de degradação que compromete as condições de vida da fauna e flora nativas*" (p.152).

Apesar de não ser o responsável histórico pelo aumento dos problemas ambientais na Ilha de Santa Catarina, podemos afirmar que, a partir dos anos oitenta, a expansão turística passa ter um papel determinante na ampliação desta "destruição criativa" da paisagem natural. Isto torna-se ainda mais evidente se lembrarmos que datam deste período o início do processo de cercamento da orla marítima na parte Norte da Ilha pelas construções, notadamente as de maior porte (como hotéis e condomínios residenciais), num processo de verticalização ainda em curso[5]. Hoje, os

[3]Essa é a opinião de Licínio Cunha (1997) que, na obra Economia e política do turismo, apresentou uma análise detalhada desta atividade. Para ele, "na ótica da estatística econômica, o turismo não é um ramo econômico independente" (p. 228). No início do livro ele também afirma: "As avaliações no domínio do turismo não são fáceis nem pacíficas em virtude, por um lado, pela inexistência de uma metodologia própria e, por outro, de não ser possível delimitar o turismo como um setor produtivo da atividade econômica, já que é o ato de consumo que define uma produção como turística" (grifos meus) (p. XVI).

[4]Produções acadêmicas mais recentes também destacaram a mesma situação. Bittencourt (2005), entre outras coisas, assinalou a degradação ambiental na Costa da Lagoa, uma pequena localidade de Florianópolis. Bueno (2006), ao discutir o patrimônio paisagístico da Ilha de Santa Catarina, destacou a insustentabilidade ambiental do modelo atual.

Balneários de Ingleses e Canasvieiras estão repletos de muralhas cercando o mar... Muitas destas construções, com a anuência ou omissão do poder público, constituíram-se em verdadeiros atentados ao meio ambiente, como ilustrado pelos trabalhos acima citados.

Isto significa, em outras palavras, que o turismo se comporta, inevitavelmente, como o diabo da Tasmânia, que devora tudo que encontra pela frente. Para Krippendorf (1989), por exemplo, é o "*devorador de paisagens*", *já que "...engole os terrenos, a natureza e o patrimônio cultural, torna-se um novo colonizador e destrói o meio-ambiente*" (p. 189).

Lefebvre (1991), por sua vez, destaca o caráter de consumo de espaço desta atividade, já que o próprio meio ambiente é consumido através da recreação. Esse autor ainda assinala o aspecto especulativo dos capitais associados ao turismo, pois a construção civil e, inevitavelmente, a comercialização de terrenos e imóveis, geram um certo nível de urbanização, mesmo que precária. Lembramos aqui que até hoje os Balneários do Norte da Ilha enfrentam sérios problemas com a questão da água e dos esgotos sanitários, apesar do apregoado turismo de primeiro mundo.

Assim, contraditoriamente, a atividade turística em Florianópolis, baseada principalmente sob sua base natural privilegiada, desenvolve-se "destruindo" sua força motriz. Melhor dizendo, (re)constrói os espaços de forma negativa, predatória.

Uma polêmica recente, que envolve o empreendimento *Costão Golf*, na parte Norte da Ilha (em Ingleses do Rio Vermelho), serve como exemplo sobre os conflitos relativos ao uso e ocupação do solo de Florianópolis e dos projetos distintos de cidade que estão sendo confrontados socialmente. O empreendimento em questão, do grupo Costão do Santinho, que na década de 1990 instalou seu *resort* no costão da Praia do Santinho, envolve uma área de 573 mil metros quadrados, divididos em 180 lotes para "privilegiados moradores", como informa uma reportagem de jornal local (Circulação, n.56, abril de 2005). O projeto contempla ainda um campo de golfe e uma sede social, além de um teleférico que atravessará as dunas levando e trazendo os moradores do condomínio residencial ao Costão do Santinho.

Além de evidenciar a forma de atuação dos grupos econômicos locais, que conseguiram a aprovação do projeto que modificou o zoneamento do Plano Diretor do Sítio Capivari, até então área exclusiva para residências e exploração rural, foi aprovada às vésperas do Natal de 2003, transformando o zoneamento do local e aprovando o plano geral do projeto do "*Complexo de Múltiplo Uso: turístico, esportivo, residencial Costão Golf Club*" (Circulação, p. 2). Mais recentemente, em 14 de dezembro de 2004, à meia-noite de um domingo, foi aprovada a Lei Complementar 133, que viabiliza a construção do Residencial *Costão Golf*. Segundo a reportagem, "*o poder público deu outro presente ao Costão Golf*", ao aprovar a citada Lei Complementar: "*essa lei dispõe sobre incentivos à implantação de áreas destinadas a práticas esportivas ao ar livre. Elas podem ter isenção de até 100% do Imposto Predial e Territorial Urbano - IPTU. Como compensação, devem atender crianças e adolescentes de baixa renda em programa esportivo inscrito na Fundação Municipal de Esportes*". Por isso, não é surpreendente que uma das propagandas do empreendimento fale em "*criação de escola de golfe para alunos da rede pública de ensino, com utilização gratuita do teleférico uma vez por ano*" (idem).

E quais são os riscos ambientais de um projeto dessa magnitude? Segundo depoimento de duas estudiosas (a engenheira química Cristina Nunes e a geógrafa Eliane Westarb) no jornal a

[5]É necessário destacar que residências unifamiliares também compõem a paisagem urbanizada das praias de Florianópolis, mas não pautam a expansão da construção civil da maior parte da orla marítima. Daí o destaque que é dado às edificações de maior porte como hotéis e grandes condomínios residenciais (com muitas unidades sendo utilizadas para aluguel durante a temporada turística), no processo de degradação ambiental da Ilha de Santa Catarina.

Associação dos Moradores de Canasvieiras (AMOCAN), "*a estimativa é que o Aqüífero de Ingleses seja contaminado em dois anos e meio pelo nitrato das 30 toneladas/amo de fertilizantes que o Costão Golf despejará no solo para tratar o gramado do campo de golfe. O nitrato pode causar câncer gástrico e, em bebês de até um ano de idade, provoca cianose infantil, uma doença que elimina o oxigênio e mata por asfixia*". As pesquisadoras afirmam que, "*se os resíduos químicos do Costão Golf atingirem o aqüífero, a CASAN não terá como recuperar o lençol freático*" (idem), isso porque "*é quase impossível descontaminar águas subterrâneas*", afirma Cristina Nunes. Além disso, o parecer do geólogo e professor da UFSC Luiz Fernando Scheibe sobre o Aqüífero de Ingleses "*mostra que o Costão Golf ocupará uma área de vulnerabilidade classificada como muito alta, e sugere que, mesmo que o empreendedor prometa todos os cuidados para a área do campo de golfe, não há como garantir que os proprietários dos 180 lotes à venda terão a mesma preocupação com o ambiente*" (Amocan, abril/maio de 2005, página 2).

É preciso também deixar registrado que tal situação é similar às outras periferias do planeta. Um exemplo: meses após a tragédia que abateu a região da Ásia atingida pelo *Tsunami*, em visita à Indonésia, a Secretária de Estado dos EUA, Condoleezza Rice afirmou que "*o Tsunami foi uma verdadeira benção para nós*". A que ela se referia? Ao fato de as ondas terem literalmente varrido das zonas costeiras populações inteiras, facilitando a acumulação de capital turístico. É que entre as exigências feitas aos países afetados para a liberação de recursos destinados à reconstrução, estava uma que exigia que os governos locais proibissem o retorno a determinadas áreas litorâneas das populações locais, que deveriam ser destinadas preferencialmente a empreendimentos turísticos (Klein, 2005). É isso que tem que ser compreendido: o que vem acontecendo em Florianópolis, no sentido de criar condições para inseri-la nos circuitos turísticos globais, é um fenômeno mundial. É por isso que a resistência das comunidades locais é encarada como inimiga do progresso, do desenvolvimento. De um suposto desenvolvimento que a poucos beneficia, aliás.

E o espaço do e para o cidadão? A transformação desta cidade em um "centro de lazeres", voltado para o impulso externo (isto é, o turista) já não está definindo, a priori, que os habitantes locais, principalmente os de menor poder aquisitivo, estarão excluídos do usufruto dos espaços públicos de lazer? O que fica cada vez mais evidente é que as infra-estruturas, presentes e futuras, "*encontram explicação e justificativa fora do lugar*" (Santos, 1994:65). E todos os esforços do poder público, em crise crônica, são para o estímulo aos capitais aplicados no turismo.

Especulativamente podemos pensar que pode vir a ocorrer em Florianópolis o que já acontece em outros países do Terceiro Mundo, nos quais os serviços básicos são garantidos aos turistas em detrimento da população autóctone. Saal (1987), por exemplo, cita um fato trágico, ocorrido na Tanzânia: "*para abastecer de água e eletricidade os hotéis construídos nos arredores da capital, foram estendidos cabos elétricos e canos de água através de uma dezena de aldeias, sem que as casas dos moradores dessas localidades fossem conectadas às redes de energia e abastecimento de água*" (p. 10).

Considerações Finais

O que nos diz o discurso dominante sobre o turismo? Que esta atividade "*é a única saída para o futuro*"; "*é a principal fonte de empregos para os nativos*"; "significa a geração de novas oportunidades para todos", enfim, variações de um mesmo tema:

- o turismo é o único passaporte que temos para o desenvolvimento. É assim que o encanto mágico do turismo domina e é reproduzido, mesmo nas bocas dos mais desafortunados. A crença nas virtudes redentoras desta atividade é tão forte que qualquer opinião contrária, que promova o debate crítico, é vista como uma atitude do "contra", dos que querem manter o atraso[6].

Ora, a apreciação precedente, permite que se sustente uma postura crítica com relação à suposta vocação natural para o turismo desta cidade. E isto nos dois contextos aqui enfocados. De um lado, a geração de postos de trabalho atrelada às atividades turísticas é insuficiente para caracterizar este setor (como afirmam levianamente os apologéticos de plantão) como o mais importante na economia local, caso a análise seja restrita aos postos de trabalho formais. Além disso, os postos de trabalho gerados pautam-se pela precariedade nas condições de trabalho, são os pior remunerados do município e, além de serem sazonais, caracterizam-se, em grande parte, pela informalidade.

Por outro lado, o suposto caráter ecológico do turismo também é ilusório. Afinal de contas, a degradação ambiental do espaço da orla marítima (em curso acelerado desde os anos oitenta) foi e é determinada pela lógica do valor-de-troca, que passa a imperar nestes locais. O aterramento de mangues, córregos, a retirada de areias das dunas para construções são indícios do aumento da fragilidade do meio-ambiente natural em Florianópolis.

Além disso, a expansão turística, ao promover o surgimento das árvores de concreto (notadamente no Norte da Ilha), passa a determinar quais são os agentes dominantes da orla marítima. A apropriação privada dos espaços públicos, a diminuição dos espaços de lazer para as classes menos favorecidas dos habitantes de Florianópolis e municípios vizinhos, determinada em parte pela proliferação sutil dos "guetos" (grandes construções, como conjuntos de apartamentos e hotéis) ocupantes dos melhores locais à beira-mar, vão dando a tônica de uma etapa na qual o acesso à praia está se tornando cada vez mais privilegiado, ao mesmo tempo em que a poluição do mar aumenta ano a ano.

Como já afirmamos em um trabalho anterior (Ouriques, 1999), nunca é demais lembrar que a distribuição das riquezas e o acesso às condições normais de saúde, educação, moradia e lazer (que se inserem no espaço urbano aqui em pauta) não são (e não podem ser) equânimes na sociedade capitalista. Uns são sempre mais iguais do que outros na vida urbana. Têm o poder de mudar as leis a seu bel-prazer (transformar áreas de preservação permanente em locais passíveis de expansão imobiliária, influenciar nos laudos das agências ambientais oficiais para a autorização de continuidade em obras até então embargadas...), moldando a expansão da cidade de acordo com sua livre e espontânea vontade...

Enfim, o turismo consolida-se como uma prática econômica e uma ideologia social poderosíssima, a ponto de ser vista socialmente como vendedora daquilo que não pode entregar: desenvolvimento econômico e sustentabilidade ambiental, pois sua curta história nas periferias do capitalismo, em geral, e em Florianópolis, em particular, evidenciam que se trata de uma atividade que contribui para a exclusão social e para a degradação dos elementos de sustentação natural.

Bibliografia

ALVES, Giovanni. O novo (e precário) mundo do trabalho. São Paulo, Boitempo, 2000, 365 p.

ANTUNES, Ricardo. Adeus ao trabalho? São Paulo, Cortez, 1995, 155 p.

[6]Por exemplo: quando da recente divulgação de um esquema não idôneo de liberação de licenças ambientais para grandes empreendimentos em Florianópolis, que redundou na prisão preventiva de empresários, funcionários públicos e políticos, o atual governador do Estado afirmou publicamente que as ações da polícia e da justiça iriam afastar os investimentos em turismo em Santa Catarina e relegar Florianópolis ao atraso.

BITENCOURT, Lya Camacho. Um estudo sobre a atividade turística na Costa da Lagoa - Florianópolis, SC - e suas conseqüências. Florianópolis, UFSC, 2005, 174 p [Dissertação de Mestrado em Engenharia Ambiental].

BUENO, Ayrton P. Patrimônio paisagístico e turismo na Ilha de Santa Catarina. São Paulo, USP, 206, 374 p. [Tese de Doutorado em Arquitetura e Urbanismo].

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. São Paulo, Paz e Terra, 2006, 9ª. Edição, 698p.

CUNHA, Licínio. Economia e política do turismo. Lisboa, McGraw Hill, 1997, 350p.

FERREIRA, Francisco Antonio C. Turismo e desenvolvimento urbano: avaliação do impacto sócio - ambiental da atividade turística na Ilha de Santa Catarina. Florianópolis, UFSC, 1992, 177 p. (Dissertação de Mestrado em Sociologia)

HARVEY, David. Condição pós - moderna. São Paulo, Loyola, 1993, 349 p.

_____. La geografía del poder de clase. In: Viento del Sur. México, número 14, marzo 1999, p. 49-72.

HOBSBAWN, Eric. Era dos extremos - o breve Século XX (1914-1991). São Paulo, Companhia das Letras, 1996, 598 p.

JORNAL CIRCULAÇÃO. Sindicato dos Trabalhadores da UFSC (SINTUFSC). Florianópolis, n. 56, abril de 2005. Disponível na página <www.sintufsc.ufsc.br>. Acesso em março de 2006.

JORNAL DA AMOCAN. Associação dos Moradores de Canasvieiras. Florianópolis, abril/maio de 2005. Disponível na página <www.amocan.org.br>. Acesso em março de 2006.

KLEIN, Naomi. El auge del capitalismo de desastre. Disponível em <www.rebelion.org>, 05.05.2005.

KRIPPENDORF, J. Sociologia do turismo. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1989, 235 p.

KURZ, Robert. O colapso da modernização: da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial. Rio de Janeiro, Paz e Terra,1993, 244 p.

LAGO, Paulo F. Santa Catarina - dimensões e perspectivas. Florianópolis, Editora da UFSC, 1978, 349 p.

LEFEBVRE, Henry. O direito à cidade. São Paulo, Moraes, 1991, 145 p.

MORETTO NETO, Luis. A atividade turística e o desenvolvimento sustentado(..). Florianópolis, UFSC, 1993, 677 p. (Dissertação de Mestrado em Geografia).

OURIQUES, Helton Ricardo. Turismo em Florianópolis: uma crítica à "indústria pós - moderna". Florianópolis, Editora UFSC, 1998, 150p.

_____. A apologia do turismo em Florianópolis: mitos e contradições. In: Humanas. Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFSC. Florianópolis, n. 25, abril de 1999.

POCHMANN, Marcio. O emprego na globalização. São Paulo, Boitempo, 2001, 151 p.

SAAL, Ulla. "...Cuando los turistas llegaron...". In: Desarrollo y cooperación. Bonn, Fundación Alemana para el desarrollo internacional,n. 2, 1987, p. 8-11

SANTOS, Cristina. Planejamento turístico e seus reflexos no processo de urbanização nas praias de Canasvieiras e Jurerê Internacional. Florianópolis, UFSC, 1993, 247 p. (Dissertação de Mestrado em Geografia)

SANTOS, Milton. Técnica, espaço, tempo. São Paulo, Hucitec, 1994, 190 p.

ZANELA, Claudia C. Atrás da porta: o discurso sobre o turismo na Ilha de Santa Catarina (1983-1998). Florianópolis, UFSC, 1999. [Dissertação de Mestrado em História].

Cronologia do processo editorial:

Recebimento do artigo:	09-abr-2007
Envio ao parecerista:	21-jun-2007
Recebimento do parecer:	26-jun-2007
Envio para revisão do autor:	09-jul-2007
Recebimento do artigo revisado:	20-jul-2007
Aceite:	20-jul-2007